O LIVRO DAS COISAS QUE NÃO PODEMOS RETER

RUI FERNANDES, SJ

Título O livro das coisas que não podemos reter
Autor Rui Fernandes, sj
Prefácio Lígia Rodrigues
Capa Romão Figueiredo
Paginação Romão Figueiredo
Impressão e acabamentos Gráfica Almondina de Progresso e Vida
ISBN 978-989-36701-3-2
Depósito legal nº 572185/26
1.ª edição Novembro 2026

Com todas as licenças necessárias



© **Editorial Frente e Verso**
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA
Tel.: 253 689 443
www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

O LIVRO DAS COISAS QUE NÃO PODEMOS RETER

RUI FERNANDES, SJ

FRENTE e VERSO

para os meus pais, Maria e Carlos
para os meus irmãos, Carla, Nuno, Joana e Samuel
para os meus sobrinhos, Gustavo, Bernardo e Benedita
para aqueles a quem tenho a sorte de chamar "amigo" e "amiga"

Prefácio

Tenho vindo a descalçar-me enquanto percorro estas páginas feitas de passadeira vermelha, dentro do azul que está lá no fundo, algures, no lugar das coisas, ou em vez delas.

São páginas impregnadas de graça, essa densidade que mora só nas coisas simples, paradigma da pobreza, quando a nobreza do olhar atento, sedento, lhe abre as portas e depois as escancara, pois só é graça essa coisa que insiste em esbanjar. Como se, feita de infinito, morasse num bilhete gasto de viagem.

Onde está a fronteira das palavras quando o seu limite quer dizer de uma só vez tudo quanto existe? E o eco é o teu nome, o meu... Como se Deus existisse porque nós existimos para o podermos ver... De tudo sabemos como se existisse quando vai embora, demasiado pequeno para o sonho de que somos feitos.

Eis a vertigem a que o Rui aqui nos transporta, tecendo linhas que nos unem nos vazios onde já nos encontramos amigos de relações antigas e novas, dentro dos mesmos passos. É nessa boleia que viajamos na sua alma e nos descobrimos sagrados, quando nos mostra a matéria de tudo, essa sede que nos pertence, esse desafio de nos vermos dentro, cúmplices, parceiros, parte de Deus (Ele, que tem um fraquinho pela laicidade onde prefere habitar, às escondidas, para poder estar em todo o lugar).

Espero-te, amigo leitor, neste abraço partilhado, onde o que tu descobres em ti acrescenta à Criação. Só então me retiro, descalça, para o resto desse chão.

Lígia Rodrigues

#1. Aguarela num autocarro

a cápsula cruzava cabos elétricos
por intervalos regulares de colinas difusas
quantos segredos
sentados
debaixo dos cabelos finos dos passageiros
o dentro da nave
reinventando-se a cada cruzamento
com o fora da paisagem
eles, os pintores ávidos
daquelas surpresas sucessivas
o poste o pasto a pista
mas logo uma saudade lúcida e sem tragédia
descia sobre eles como um abraço
em tempo de luto
pela travessia
sem nenhuma tela capaz de guardar
aquele mundo de tão exata beleza
no bolso as mãos prendiam
apenas o bilhete gasto da viagem
como relíquia da peregrinação em pobreza
no dia em que foram iluminados
pela bênção gratuita das coisas vivas que nos visitam
e que jamais poderemos reter

#2.

uma sombra de livros
dá abrigo às minhas insónias diurnas
seriam sonhos, aquelas histórias gregas?
oiço coros e musas
e sinto-me seguro
debaixo dessa companhia insinuada
de ontem
de tempo nenhum
da fonte imaginada mas real
onde se lavam contos
e as almas se curam por terem quem
não se canse de fabricar sossegos futuros